

# ESCREVER E SER PROFESSOR: UM CHÁ COM LYGIA FAGUNDES TELLES

Jeinni Kelly Pereira Puziol<sup>1</sup>

**Resumo:** A escrita, forma de se relacionar com o mundo, o outro, é uma das possibilidades de acesso às criações humanas e à natureza, democratização da existência. Com potencial educativo, elaborativo e intelectual, a escrita faz parte da formação da subjetividade do professor, em sua integridade profissional e pessoal. Procuramos na literatura confluências entre a escrita e o ser professor, tendo na escritora Lygia Fagundes Telles [1918-2022] nosso epicentro, pois os dois livros e as nove entrevistas analisadas são como erupções de pensamento e sensibilidade. Para dialogar com as ideias sobre escrita de Lygia Fagundes Telles, nosso referencial se constitui de Foucault (2010), Freire (1967, 1981, 1989, 2015), Chartier (2002), e Berardi (2020). Lygia, entre tantas reflexões e ações, deixou expressa a paixão da palavra e a necessidade criativa como forma de vida, potência necessária ao professor, também artesão da palavra e nutridor de outros prováveis mundos.

**Palavras-chave:** Palavra; Leitura; Literatura.

**Abstract:** Writing, a way of relating to the world and others, is one of the possibilities for accessing human creations and nature, and for democratizing existence. With educational, elaborative, and intellectual potential, writing is part of the formation of the teacher's subjectivity, in their professional and personal integrity. We seek in literature confluences between writing and being a teacher, with the writer Lygia Fagundes Telles [1918-2022] as our epicenter, since the two books and the nine proven interviews are like eruptions of thought and sensitivity. To dialogue with Lygia Fagundes Telles' ideas on writing, our references are constituted by Foucault (2010), Freire (1967, 1981, 1989, 2015), Chartier (2002), and Berardi (2020). Lygia, among so many reflections and actions, expressed her passion for words and the need for creativity as a way of life, a necessary power for teachers, who are also artisans of words and nurturers of other probable worlds.

**Keywords:** Word; Reading; Literature.

## “A PAIXÃO DA PALAVRA<sup>2</sup>”

Lygia Fagundes Telles<sup>3</sup> [1918-2022] escreveu que com suor, “[...] a palavra verte sangue” (Telles, 2002, p. 76). Que sangue é esse que verte? Por que verte?

---

<sup>1</sup> Professora pesquisadora do GEPHAES-USP e da Rede Universitas, Pós-Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, Doutora em Educação pela USP, Mestre em Educação pela UEM, Graduada em Geografia e Pedagogia pela UEM.

<sup>2</sup> Discurso de Posse na Academia Brasileira de Letras (1987) (TELLES, 2002).

<sup>3</sup> A partir daqui Lygia Fagundes Telles será nomeada Lygia.

Para Lygia, escrever é busca e encontro, dor e celebração, luta; o escritor atracado à palavra (Telles, 2002). Escrita é multiplicidade, enquanto ação e resultado. Deixamos emergir essa multiplicidade em Lygia para confluir com a ação de escrever e ser professor, enquanto subjetividade profissional e pessoal, amalgamados.

Analisamos as ideias sobre escrita presentes em dois livros de Lygia, “Durante Aquele Estranho Chá” (2000) e “Invenção e Memória” (2002), e em 9 entrevistas concedidas entre 1977-2013: Revista Manchete (1977), Programa Roda Viva (1996), Jornal O Estado de São Paulo (1998), Revista SESC (1999), Revista Cult (1999), Folha de São Paulo (2000; 2011), Revista Brasileira de Psicanálise (2008), Jornal GGN (2013) e Jornal Valor Econômico (2013).

Destacamos, que as concepções de escrita para Lygia, não se deram facilmente, apesar do volume de material analisado. Percebemos que por vezes buscamos no escritor uma explicação racional, clara e objetiva de algo complexo, talvez inexplicável em alguns aspectos. Em entrevista ao Jornal GGN, Lygia afirma, ao ser perguntada sobre como consegue captar seus leitores: “O mistério é intransponível, é impossível, indetectável” (Telles, 2013, p. 2).

Nosso referencial teórico, na busca das confluências, colocou em diálogo: Foucault (2010) e a discussão da escrita de si, Freire (1967, 1981, 1989, 2015) e o ator de ler e estudar, Chartier (2002) e a leitura e escrita no mundo eletrônico e Berardi (2020) com a reativação da potência da linguagem. Nossa metodologia é o cotejamento de fontes característico das pesquisas bibliográficas.

Dentre as fontes que mencionamos, está o “Discurso de Posse para Academia Brasileira de Letras”, proferido por Lygia em 1987. Nele, reflete sobre dois escritores que anteriormente ocuparam a cadeira número 16 da Academia Brasileira de Letras (ABL), Gregório de Matos e Pedro Calmon. Lygia ocupou essa cadeira por 37 anos [1985-2022]. No discurso, aponta o que a aproxima dos outros dois escritores: “[...] a paixão da palavra”. E acrescenta que o escritor precisa vencer o medo “E resgatar a palavra através do amor” (Telles, p. 82).

Nos livros e entrevistas analisados, podemos afirmar que em Lygia, amor é cuidado, esmero, e paixão é intensidade, entrega. Formar-se professor é ser, de fora para dentro e dentro para fora, desejante, e a escrita, enquanto criação, é complexa: potência geradora de realidades outras, profissionais e pessoais, organização e

planejamento da vida, encontro consigo mesmo e capacidade educativa, elaborativa e intelectual. Em Freire (1967), a educação é um ato de amor. O enfrentamento da palavra, então, requer paixão e coragem, pois a escrita é reveladora de nossas verdades, ficcionais ou reais, sempre avizinhas.

## **FANTASIA, LUCIDEZ E ESCRITA: DE UM TRILHO PARA OUTRO**

Conheci Lygia no final do Ensino Médio. “Antes do Baile Verde” (1970) era leitura obrigatória para o vestibular. Foi difícil, era muito jovem pra sentir e compreender os mistérios. Me reencontrei com Lygia mais de uma década depois, momento em que foi possível experimentar do seu encantamento literário. Lygia, é preciso redundar, viveu 103 anos. Será? Até então acreditava-se que Lygia teria partido aos 98 anos, data confirmada no site da Academia Brasileira de Letras (ABL). Após sua morte foi divulgado documento em que teria 103 anos. A dúvida que paira sobre sua idade seria seu último conto? Lucidez? Fantasia?

Membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) de 1985 a 2022, vencedora dos concursos Prêmio Jabuti (1966, 1974, 1996 e 2001), Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (1973, 1980, 2000 e 2007), Prêmio Camões (2005), Prêmio Juca Pato (2008) e indicada ao Prêmio Nobel de Literatura (2016), Lygia é reconhecida entre os melhores escritores do século XX. Uma vida dedicada ao ofício, criação, escrita. Suas memórias e as invenções literárias são marcas em sua escrita, que expressa uma capacidade de fiação do mistério da vida com o sonho, a imaginação.

Em entrevista, afirmou que sua escrita ficcional envolvia imaginário e memória, entranhadas, misturadas (Telles, 2000). No conto “Mysterium”, escreveu: “[...] acabo de pular de um trilho para outro e começo misturar realidade com imaginário, faço ficção em cima da ficção [...]” (Telles, 2002, p. 69). Ficção não é oposição ao real, mas criação de perspectivas da verdade, concepção de realidades outras.

Questionada por Clarice Lispector [1920-1977], em entrevista à Revista Manchete de 1977, sobre como nasce um texto seu, Lygia afirma que de imagens, frases, palavras que se ouve ao acaso e mesmo os sonhos. E destaca também, sobre o jogo que é escrever: “Vale o risco? Vale se a vocação for cumprida com amor, é

preciso se apaixonar pelo ofício, ser feliz no ofício. Se em outros aspectos as coisas falham (tantas falham!) que ao menos fique a alegria de criar” (Telles, 1977, p. 2).

Nossos professores precisam de condições objetivas e subjetivas para criar, fluir e fruir. Bem como para apaixonar-se pelo ofício, pois não podemos concordar que o trabalho nos seja apresentado e configurado apenas como um fardo. Lutas sociais são fundamentais, mas também um reposicionamento do ofício na vida dos professores, da alegria de criar. A vocação de que Lygia fala, o chamado, pode ser constituído ao longo da vida, no cotidiano docente. A realização da docência necessita de afetos – do latim *affectus*: comover, tocar – experimentação de si próprio na relação com mundo.

O ato de criar fica mais difícil quando não nos sentimos sujeitos da própria vida, afinal, “Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos” (Freire, 2015, p. 29). Quando concebemos a educação como comunicação, em contraponto à transferência de conteúdos, nossa percepção da criação é deslocada para o encontro, que ocorre quando buscamos a significação dos significados juntos, numa relação de reciprocidade intelectual (Freire, 2015). E essa reciprocidade tende a ser paralela a nossos atos de estudo, leitura e escrita.

Chave para a comunicação escrita, a alfabetização possibilita a capacidade de refletir sobre seu lugar no mundo, o trabalho, o poder de transformação, o encontro das consciências (Freire, 1967). No processo de leitura e escrita, a alfabetização “[...] deixa assim de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, como uma criação” (Freire, 1967, p. 142).

Estudar, para Freire (1981), é um trabalho que exige ação sistemática e crítica, além de disciplina intelectual que se ganha na prática. Ler e escrever são aprendizados contínuos, sempre se aprende mais, no sentido da amplitude e da profundidade. O enfrentamento que os autores têm com o mundo, expostos em seus livros (Freire, 1981), é comparável ao enfrentamento que os professores têm com o mundo também, ao ler e escrever, estudar. A escrita, de um livro, memórias, diários, anotações de aula, entre tantas, adquire uma dimensão fundamental. Lygia, ao ser perguntada se morreria se não pudesse mais escrever, respondeu: “[...] que não morreria mas ficaria tão triste como se tivesse morrido” (Telles, 2002, p. 65).

A relação com a linguagem pode se constituir com grande profundidade, de modo que o ato de ler, por exemplo, não se esgota da decodificação da linguagem escrita, mas se relaciona com a leitura de mundo, com o contexto, “Linguagem e realidade se prendem dinamicamente” (Freire, 1989, p. 9). A leitura crítica precisa de texto e contexto, mas também de escrita e reescrita, de transformação por meio da prática consciente (Freire, 1989). Leitura e escrita para Freire (1989) é metáfora da ação. Para Lygia, escrever pressupõe ler muito, criar parâmetros (Telles, 2011, p. 1). Escrita e leitura são pares recombinantes no ser professor.

Em a escrita de si, Foucault (2010, p. 152) diz que “É sua própria alma que é preciso criar no que se escreve”. Por meio dos hupomnêmata e das correspondências, aponta a relação do que se escreve com a transformação de si. Livro de vida, guia de conduta, os hupomnêmata, são livros de registros contábeis, registros públicos ou cadernetas individuais (Foucault, 2010). Os hupomnêmata não constituem uma narrativa de si mesmo e nem busca revelar o oculto, mas captar “[...] o já dito; reunir o que se pôde ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si” (Foucault, 2010, p. 149).

A correspondência envolve reciprocidade, olhar, exame. Um duplo trabalho que envolve remetente e destinatário. “A carta que, como exercício, trabalha para a subjetivação do discurso verdadeiro, para sua assimilação e elaboração como ‘bem próprio’, constitui também, e ao mesmo tempo, uma objetivação da alma” (Foucault, 2010, p. 156). Escrever é se expor, “[...] a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo” (Foucault, 2010, p. 156). Em um conto, quando perguntada por que escreve, Lygia respondeu:

Ah, que difícil responder a essa pergunta. Tentarei dar alguma resposta e sei que já estou entrando assim numa zona imprecisa. Vaga. O escritor escreve porque tenta recompor, quem sabe?, um mundo perdido. Os amores perdidos. Não será uma tentativa de recuperar a família que ficou lá longe, assim despedaçada? Ou não será o próprio eu despedaçado que ele está querendo resgatar? E se nessas personagens que procura desembrulhar ele não estiver tentando, na realidade, desembrulhar a si mesmo? (Telles, 2002, p. 89).

Desembrulha a si mesmo, uma metáfora para o processo de escrita, da constituição da subjetividade de um ser único, não apenas professor, mas sujeito de sua própria vida. É preciso o treino de si por si mesmo, resgatar o eu despedaçado, o mundo perdido, “É preciso ler, dizia Sêneca, mas também escrever” (Foucault, 2010, p. 146). Kramer (1998), em pesquisa com professores, investigou as relações da leitura e da escrita: “[...] o professor, ao lembrar da sua vida, vai dando a ela outros sentidos, antevendo mudanças em sua prática. Isso representa reunir a pessoa e o profissional que nele foram separados, não mais divorciando vida e trabalho” (KRAMER, 1998, p. 23).

A linguagem é um dos meios por onde existimos, leitura e escrita são constituintes não apenas da profissão professor, mas da pessoa, inseparável, elaboração da subjetividade. Desembrulhar a si mesmo pela escrita, seja ela acadêmica, hupomnêmata ou correspondência, é uma possibilidade de reencontro com a potência criativa do presente, numa constante recriação de significados que ultrapassam a lamentação ou saudosismo com o passado, ou o por vezes, o intangível futuro.

Mas o desembrulhar, a escrita e a narrativa de si, também estão em diálogo com os suportes de leitura e escrita que temos disponível atualmente, predominantemente o digital e suas mídias. Baitello Jr (2001) discute as mídias primária, secundária e terciária, bem como sua relação com o tempo, a oralidade e a escrita. Mídia primária é onde tudo começou, gestualidade e mímica; cara a cara; olhos, boca, nariz, postura da cabeça, movimento dos ombros, andar, postura corporal, tórax, abdômen, mãos, pés, sons, odores, cerimoniais, ritmos, repetições, rituais e línguas naturais (verbal falada) (Baitello Jr, 2001).

A mídia secundária são os meios de comunicação que transportam a mensagem ao receptor, sem que este necessite de um aparato tecnológico para captar seu significado – livro, imagem, impresso, escrita, jornal, carta, fotografia analógica, máscara, pinturas e adereços corporais, roupas. A mídia terciária são meios de comunicação que não podem funcionar sem aparelhos tanto do lado do emissor quando do lado do receptor – telegrafia, telefonia, cinema, radiofonia, discos, fitas, cds, dvds. Podemos acrescentar à mídia terciária os smartphones.

As temporalidades das mídias são diferentes, diversas. Baitello Jr (2001, p. 5), compreende: “A mídia primária é presencial, exige a presença de emissores e receptores em um mesmo espaço físico e num mesmo tempo – é portanto a mídia do tempo presente e suas tensões e surpresas, de sua sensorialidade múltipla [...]”. A mídia secundária, por outro lado, permite a permanência e a sobrevida após a morte do corpo (Baitello Jr, 2001). A mídia terciária tem constituído a redução crescente do espaço e aceleração do tempo (Baitello Jr, 2001).

Sobre a escrita, “O grande trunfo da escrita não é, portanto, a velocidade, mas a lentidão que permite cifrar e decifrar enigmas. O tempo lento da escrita e da leitura permite alongar a percepção do tempo de vida” (Baitello Jr, 2001, p. 5). Assim como a cultura, a lentidão é uma conquista e não um empecilho. “O tempo lento da escrita é o tempo que não apenas permite a reflexão, mas também a retrospectão” (Baitello Jr, 2001, p. 5). A retrospectão é a reflexão sobre o passado que permite o avanço do homem na relação consigo mesmo.

Para Bosi (2015), a felicidade aceita generosamente a passagem das horas e a infelicidade é uma agonia que corrói o presente. Escrever é tempo presente, é aceitação e diálogo com as horas, em complexo questionamento à aceleração do tempo das redes sociais, das plataformas educacionais, das avaliações excessivas. É resgate da mídia primária, do corpo presente e todas suas tensões; e da mídia secundária e sua permanência.

Mediados pelos algoritmos que calculam quanto tempo uma página demora para ser lida, como nos leitores de livro digital, como lemos hoje? Com a facilidade dos extensos áudios ouvidos em velocidade dobrada, como escrevemos? Lygia, ao ser questionada sobre seu processo de criação, narra um pouco desse tempo necessário à criação, lapidação, um tempo lento, presencial, sensorial.

Há o primeiro trabalho de inspiração, evidentemente. A primeira versão. Saio galopando as linhas (ou galopo sozinha ou sirvo de cavalo para meus anjos, meus demônios, aquela coisa toda que nos assalta e eu me entrego). É uma coisa linda, uma coisa de grande amor. Depois vem o artesanato, a parte fria, a parte racional. Nesse momento, eu me torno minha inimiga. Daí eu podo, corto, acrescento, podo e podo e podo. Essa parte não está propriamente separada da outra parte, da parte da criação, que é um mistério (Telles, 1999, p. 3).

Escrever é fluidez, mas também lapidação, esmero. No contexto da educação brasileira, a escrita tem cedido espaço cada vez maior para o preenchimento de dados nas plataformas educacionais. A escrita como mistério, artesanato, perde espaço para um cenário de condições de trabalho e existência precárias, em que não há salário suficiente para o corpo, nem liberdade suficiente para a alma (Pelbart, 2002).

Para Chartier (2002, p. 23), o digital tornou difícil a percepção da obra como obra, marcado por uma leitura geralmente descontínua, como um modelo de banco de dados, que busca, “[...] a partir de palavras-chave ou rubricas temáticas, o fragmento textual do qual quer apoderar-se [...], sem que necessariamente sejam percebidas a identidade e a coerência da totalidade textual [...]”. Diante de uma leitura fragmentada pelos algoritmos, a escrita sofre uma ruptura.

A presença e a materialidade vão sendo substituídas pela distância e o digital. Não se trata de negar os novos formatos e suportes, mas de apontar que possuem limitações. “Com efeito, cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção da escrita afeta profundamente os seus possíveis usos e interpretações” (Chartier, 1999, p. 105). Destaca ainda, que o cenário dos textos eletrônicos significará, necessariamente, “[...] um distanciamento em relação às representações mentais e às operações intelectuais especificamente ligadas às formas que teve o livro no Ocidente há dezessete ou dezoito séculos” (Chartier, 1999, p. 106).

No contexto digital, “A palavra é conduzida para esse processo de automação, de modo que a encontramos congelada e abstraída em meio à vida esvaziada de empatia de uma sociedade incapaz de solidariedade e de autonomia” (Berardi, 2020, p. 20). A potência social e linguística é sugada pelo capitalismo dos algoritmos, bem como os produtos da atividade humana coletiva. Novamente a palavra recodifica o fluxo da existência, não é mais pulsional (Berardi, 2020). Assim, é preciso “[...] ativar as potências mais íntimas da linguagem” (Berardi, 2020, p. 8). Sobre a criação poética, “[...] ela pode dar início ao processo de reativação do corpo emocional e, dessa forma, de reativação da solidariedade social, a começar pela reativação da força desejante da enunciação” (Berardi, 2020, p. 22).

Em “Invenção e memória” (2000), Lygia, em 15 contos, narra a força desejante da vida cotidiana em que a palavra é pulsante e não codificada por algoritmos, onde há força desejante de enunciação. Em entrevista, aos 70 anos, Lygia é questionada

sobre estar imersa em memórias, e afirma que é capaz de sonhar e que a curiosidade é sua força. Lygia reafirma a potência do presente, a necessidade de encarar o contexto social, econômico e político com lucidez, mas também com capacidade de transformação de nossa realidade próxima. Em entrevista ao Roda Viva, em 1996, ao falar da luta com a palavra, relembra um trecho de Carlos Drummond de Andrade [1902-1987]: “Lutar com a palavra é a luta mais vã, tanto lutamos mal rompe a manhã” (Andrade, 2012, p. 215).

Depois que conhecemos, aprendemos, fica mais difícil ignorarmos algo, sobretudo quando ouvimos, como disse Lygia, o chamado. Em *Ética*, Spinoza (2019, p. 170) afirma que “A virtude é a própria potência humana, que é definida exclusivamente pela essência do homem, isto é, que é definida exclusivamente pelo esforço pelo qual o homem se esforça por perseverar em seu ser”. Em Spinoza (2019), o ato de compreender é a virtude absoluta da mente. A virtude, portanto, está na força interior para passar da passividade à atividade, ser e agir autonomamente com liberdade (Chauí, 2001). Por isso a importância do cultivo do espírito para Spinoza (2019), a necessidade de utilizar alimentos variados para nutrir o corpo, como a leitura, a escrita.

Chauí (2001) recupera que a cultura, do verbo latino *colere* significa cultivar, criar, cultuar. E que *paideia* (Pedagogia) é a formação para a vida coletiva, o tornar-se membro virtuoso da sociedade. A cultura, portanto, marca nossa segunda natureza, que lida com nossa ignorância e agressividade. Marca a separação do campo da necessidade (natureza) e do campo da possibilidade (cultura). Chauí (2001) destaca que a arte para Merleau-Ponty é o advento, um vir a ser do que nunca antes existiu, uma promessa infinita de acontecimentos. E que a ficção não é no sentido de ilusão ou mentira, mas de oferecimento de uma realidade outra. Para Lygia “[...] é preciso que o leitor levante a pele dessas palavras. Sob a pele está a face oculta do sentido mais profundo” (Telles, 2002, p. 132).

Oferecer uma realidade outra não se trata apenas de uma mudança drástica, mas da elaboração do presente pela palavra. Lembremos da personagem Dora, Fernanda Montenegro [1929-], do filme *Central do Brasil* (1998), professora aposentada que escrevia carta para analfabetos da Estação Central do Brasil no Rio de Janeiro. Dora tinha o poder da palavra, e por esta palavra tinha a possibilidade de

reencontrar caminhos para tantos que a procuravam, embora fique sugerido que não enviava parte das cartas. Pela escrita Dora conhece Josué e então sua própria vida foi reelaborada, transformada. Após muitas experiências juntos, dele se despede com uma carta. A presença da palavra, desde o desenvolvimento da escrita, é condição de existência, no mais trivial cotidiano, no trabalho e seus afetos, na vida. Como seria hoje, por áudio? Que elaboração um áudio de aplicativo, ouvido em velocidade dobrada, é capaz de promover?

A escrita de professores é condição fundamental da construção da democracia (Kramer, 1998). Para que os alunos se tornem leitores e escritores, em sentido amplo, aos professores é esperado relações aproximadas com a linguagem, ou seja, como prática social e cultural (Kramer, 1998). O prazer da escrita está estreitamente vinculado à leitura dessa fantasia e lucidez de que nos fala Lygia. Imagina outros mundos possíveis quem tem acesso a outros cotidianos também pela leitura, pela literatura: “Onde acaba a realidade e começa o sonho?” (Telles, 2002, p. 72).

Kramer (1998) lembra que além de uma política científica de formação docente, é preciso uma política cultural nacional. Acrescenta que “Nenhum projeto gera transformação se não garantir concretamente reconhecimento da condição de cidadania e humanidade” (Kramer, 1998, p. 27). A palavra não pode aprisionar, mas ser uma força libertadora (Kramer, 1998).

No conto “Rua Sabará, 400”, Lygia narra parte do processo de produção do roteiro “Capitu” para o cinema, com Paulo Emílio Sales Gomes [1916-1977], adaptação de Dom Casmurro, de Machado de Assis [1839-1908]. Discutindo com Paulo Emílio, Lygia narra como mudou de posição quanto a relação entre Bentinho e Capitu, ora defendendo um, ora outro. Pela palavra escrita, como força de vida, se manifesta a intensa curiosidade, dúvida e mudança de posição, pois a palavra escrita movimenta, transforma (Telles, 2009). A palavra escrita tem potência libertadora de cristalizações que limita a relação com o outro e consigo mesmo.

Para Kramer (1998, p. 34), “[...] o efeito bloqueador da escola – em nome de corrigir a palavra – aprisiona a idéia, paralisa a escrita e a torna repetitiva”. O estudante aprende a escrever e nele algo é escrito: “Escreve-se nos alunos – crianças, jovens e adultos – o traço da obediência e da conformação, a necessidade de evitar riscos, os riscos do papel e os riscos de se aventurar pelas trilhas do desconhecido”

(Kramer, 1998, p. 34). A curiosidade e dúvida de que fala Lygia, em conto e entrevista, é aceitar os riscos com amor (Telles, 2000). Amor é ação.

No aceitamento dos riscos, a literatura é importante caminho para a escrita, seus personagens nos expandem, mesclam realidade e sonho. Para Todorov (2009, p. 81), “Quanto menos essas personagens se parecem conosco, mais elas ampliam nosso horizonte, enriquecendo assim nosso universo. [...] O horizonte último dessa experiência não é a verdade, mas o amor, forma suprema de ligação humana”.

Ao ler e ampliar seus horizontes, que mundo pode imaginar e escrever o professor? Não como escritor literário, mas como escritor da vida e de seu trabalho. Não apenas através de artigos científicos, mas pela escrita de si discutida por Foucault (2010), pois estamos pensando o professor em sua integridade.

Para Gatti (2024, p. 2) é preciso não confundir educação com ensino, visto como algo “[...] essencialmente cognitivo, como se fosse educar o aluno só do nariz pra cima, só pensando em seu cérebro, quando na realidade trabalhamos com a formação de uma pessoa”. A educação precisa aumentar a potência de nossa mente, e não refrear. Neste processo, para Todorov (2009, p. 76), a literatura pode muito, “[...] revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro”.

A literatura de Lygia pode transformar seus leitores a partir de dentro, mas a transforma também, no processo criativo em que a palavra verte sangue. É no trabalho que Lygia recupera e nutre sua força vital (Telles, 2008). Em entrevista, questionada sobre a escrita como modalidade terapêutica, Lygia, com honestidade, compartilha: “A literatura já me ajudou a não enlouquecer. O livro *Conspiração de Nuvens* me salvou da depressão e do desespero. [...] Escrevendo me acalmo porque vivo a vida das minhas personagens que não fazem parte da minha vida real, ou fazem?!” (Telles, 2008).

Voltamos a lucidez e a fantasia, tão presente na escrita, no mistério. Não há uma linha reta que explique por que escrever promove elaboração intelectual, afetiva. A escrita é um caminho tortuoso, vamos de um trilho, para outro. Como escreveu Lygia, “A vida é linda, a realidade é linda porque é torta” (Telles, 2013, p. 3). Escrever sobre o cotidiano profissional e pessoal pode ser uma forma de escrita de si que

enxerga as limitações contextuais, mas também a potência do presente, no contato com os estudantes, na reativação do corpo emocional e solidário pela palavra.

## **REPARTIR A PALAVRA: SER PROFESSOR**

Pensando em repartir, nos questionamos: como este texto será lido? No celular? Com pressa? Como possibilidade de encontro consigo mesmo e com o outro, a palavra escrita, para Lygia, é ponte, cumplicidade. Ao se referir ao seu leitor, escreveu: “Fraternalmente reparto com ele essa palavra como se reparte o pão” (Telles, 2002, p. 65). Para os autores que propusemos confluir com Lygia, escrever é condição de existência, enquanto cuidado de si, constituição de outras interpretações, transformação pelo estudo e reativação da potência da linguagem. Escrita e leitura, envolvimento.

Propomos uma escrita do professor como espaço de criação de diferentes sentidos, narrativas; não apenas a escrita científica, mas qualquer escrita, em que se expresse resistência, mas também deleite. Uma escrita não somente do que é esperado, determinado, mas da fluidez que permite fruir, da escrita interior em tensão com a escrita exterior. A escrita que coloca em questão alguns maniqueísmos sociológicos que nos deixam na posição de dominado e nunca criador, pensador.

Uma escrita que circula o poder, que enfatiza o corpo como mídia primária, ponto de partida de toda comunicação e educação, mediatizada pelo corpo e mente, e não pela máquina. Uma escrita que pode corporificar relações vivas, reais, questionar e problematizar a imagem que se tem de si. E evocar uma temporalidade lenta capaz de irrigar possibilidades de criação do professor, em contraposição à reprodução, para que não sejamos devorados pelo exterior, mas o devoremos e façamos algo novo.

Ser professor é reconhecer a si mesmo, em suas camadas, é busca da própria mente e corpo num levantar de pele, contra o exílio de si mesmo. E então poder reconhecer o outro. É ser capaz de se constituir na relação com o outro, de confluir. Manter o desejo vivo, a curiosidade, a vontade do saber diante de uma vastidão de não saber. Abrir caminhos pela escrita, que pode ser prazerosa, divertida, encantada.

Como reativação de si, a escrita é um dos possíveis caminhos de compartilhamento da palavra, não apenas da palavra literal, mas da palavra simbólica, da subjetivação. É poder confluir com o outro na elaboração de si próprio. É enfrentar, em diferentes frentes de luta, o contexto em que se vive, sem abdicar do desejo de existência e trabalho, sem o qual a vida é apenas obrigação, sem gozo. A escrita reativa o sonho. Tudo isso é muito difícil ao cotidiano do professor, mas é fundamental se queremos um educador desejante, vivo. Eu, professora, neste longo chá que venho tomando com Lygia, percebi em mim uma elaboração do que é a escrita, a que serve, e isso me fez escrever este texto, pensando no que é ser professor, sonhando. Tudo que escrevi, partilho comigo mesma, mas também com você, leitor, na esperança que possamos confluir.

Em conversa, lucida ou fantasiosa, com Jorge Luis Borges [1899-1986], Lygia escreveu que, na despedida do último encontro, perguntou a ele qual mensagem deixaria: “Ele fixou em mim olhar de névoa e a larga cara abriu-se numa expressão iluminada: O sonho! Ele exclamou. Acreditar no sonho, entregar-se ao sonho porque só o sonho existe. No dia em que meu amigo escritor deixou de sonhar, matou-se” (Telles, 2002, p. 39).

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. **Antologia poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAITELLO JR., N. O tempo lento e o espaço nulo: Mídia primária, secundária e terciária. Texto apresentado no Grupo de Trabalho - GT Comunicação e Cultura, durante o **IX Encontro anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS**. Porto Alegre, 2000.

BERARDI, F. **Asfixia: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. São Paulo: UBU, 2020.

BOSI, A. **Entre a literatura e a história**. São Paulo: Editora 34, 2015.

CHARTIER, R. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2012.

FOUCAULT, M. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, P. **A importância do ator de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

KRAMER, S. Leitura e escrita de professores: Dá prática de pesquisa à prática de formação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 7, jan./fev./mar./abr., 1998.

PELBART, P. P. O poder sobre a vida, potência de vida. **Lugar Comum**, nº 17, 2002, p. 33-43.

TELLES, L. F. **A disciplina do amor**. São Paulo: Cia das Letras, 2010.

TELLES, L. F. **Durante aquele estranho chá**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

TELLES, L. F. Entrevista concedida a **Revista SESC**, 01 de mar. 1999. Disponível em: <[https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/336\\_ENTREVISTALYGIA+FAGUNDES+TELLES](https://portal.sescsp.org.br/online/artigo/336_ENTREVISTALYGIA+FAGUNDES+TELLES)>. Acesso em 23 de ago. 2024.

TELLES, L. F. Entrevista concedida ao **Jornal GGN**, 04 de fev. 2016. Disponível em: <<https://jornalggm.com.br/literatura/entrevista-com-lygia-fagundes-telles-por-alex-solnik/>>. Acesso em 23 de ago. 2024.

TELLES, L. F. Entrevista da escritora [1923-2022] a José Castello publicada no **Estadão** em 1998. Disponível em: <<http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,lygia-fagundes-telles-em-literatura-nao-se-deve-fazer-distincao-de-sexo-so-de-qualidade,70004028197,0.htm>>. Acesso em 02 de ago. 2024.

TELLES, L. F. **Invenção e memória**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

TELLES, L. F. Lygia Fagundes Telles – entrevistada no **Programa Roda Viva**, da TV Cultura em 1996. Disponível em: <<https://www.tirodeletra.com.br/entrevistas/LygiafagundesTelles.html>>. Acesso em 02 ago. 2024.

TELLES, L. F. Lygia Fagundes Telles – entrevistada por Clarice Lispector em 1977. **Revista Prosa Verso e Arte**, 19 de abr. de 2019. Disponível em: <[https://www.revistaprosaversoarte.com/12510-2/#goog\\_rewarded](https://www.revistaprosaversoarte.com/12510-2/#goog_rewarded)>. Acesso em 02 ago. 2024.

TELLES, L. F. Lygia Fagundes Telles: entrevista concedida a Cynara Meneses. **Folha de São Paulo**, Ilustrada, São Paulo, 2000. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/blogs/socialista-morena/2022/4/5/uma-taa-de-vinho-do-porto-com-lygia-fagundes-telles-socialismo-vida-apos-morte-112577.html>>. Acesso em 23 ago. 2024.

TELLES, L. F. Lygia Fagundes Telles: entrevista. **Folha de São Paulo**, Ilustrada, São Paulo, sábado, 23 de abr. de 2011. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2304201112.htm>>. Acesso em 02 ago. 2024.

TELLES, L. F. Lygia Fagundes Telles: entrevista. **Rev. Bras. Psicanál.**, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 17-20, dez. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2008000400003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 02 ago. 2024.

TELLES, L. F. Lygia Fagundes Telles: entrevista. **Revista Cult**, São Paulo, 23, junho, 1999. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-lygia-fagundes-telles/>>. Acesso em 02 ago. 2024.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.